

Conferência inaugural: palestra diante do conselho da fundação

Motivos

[conselho da fundação 01] Aceitei, grato, o convite para dar aulas aqui durante um semestre, em três blocos, por dois motivos óbvios e ainda outro um pouco mais profundo. Os dois motivos óbvios são: em primeiro lugar, gostaria de oferecer aos ouvintes, da melhor maneira possível, uma visão geral da problemática da comunicação humana para que eles possam, por iniciativa própria, escolher subáreas para seu próprio estudo e seu próprio trabalho. Em segundo lugar, espero que essa minha participação seja gravada em áudio e talvez até em vídeo. Um de meus editores irá publicá-la rapidamente como livro. Fixar esta visão geral para os universitários do futuro é um empenho importante. Em São Paulo, dei cursos semelhantes durante anos, que estão contidos nas chamadas *apostilas*. Desde minha saída do Brasil

nunca mais o fiz. Estou muito grato por ser-me concedida a ocasião de reunir e condensar meus pensamentos novamente, pois, nesse ínterim, naturalmente refleti sobre muitas coisas e mudei minha opinião.

Ciências do espírito e da natureza

Aqui e agora é o momento para explicar-lhes o verdadeiro motivo de meu esforço ao aceitar este convite. Há muitos anos sou da opinião, quase da convicção, de que o estudo do fenômeno ao mesmo tempo misterioso e fascinante da comunicação humana é uma área em que, por causa de uma separação funesta, as chamadas ciências exatas e as outras se sobrepõem. Essas outras ciências são denominadas, absurdamente, de *Geisteswissenschaften* (ciências do espírito), mas a palavra *humanities* (humanidades) também não capta bem a coisa.

Quero lhes dizer resumidamente por que estou tão empenhado em colaborar na superação dessa separação perniciosa entre ciências da natureza e *humanities*. Vocês sabem que há cerca de 450 anos surgiu a forte suspeita que a natureza é indescritível, mas contável; que, portanto, textos não são um bom código quando se trata de formular um saber, sendo preciso formular os conhecimentos de forma matemática. Eu lhes darei dois motivos para o surgimento dessa suspeita. Em primeiro lugar, os números são claros e inequívocos.

São claros porque cada número tem um único significado. Números são unívocos. Por exemplo, o número 2 refere-se inequivocamente à quantidade de duas coisas. Em segundo lugar, os números são claros porque entre um número e outro há um intervalo. São nitidamente separados uns dos outros. O código numérico é claro e distinto, enquanto o código linguístico, reproduzido pelas letras, é ambíguo. As palavras não podem ser tão definidas como os números. Existe ainda um motivo mais profundo. O alfabeto foi inventado para tornar visíveis as chamadas línguas flexionáveis, isto é, as indo-europeias e hamito-semitas. O alfabeto também é aplicável para outros grupos linguísticos, mas não tão bem. Essas línguas têm a característica de anunciar proposições, isto é, elas enunciam predicados diante de um sujeito. É uma estrutura muito rígida, enquanto com números se pode jogar de forma muito diferente. Os algoritmos seguem uma estrutura muito mais flexível. Consequentemente, as línguas – e por isso também as letras – não são bem adequadas para formular modelos de conhecimento. Desde o século XV, pelo menos desde Nicolau de Cusa, os pesquisadores passaram do alfabeto para os números. As ciências da natureza utilizam cada vez menos letras. As chamadas ciências da natureza são disciplinas que formulam as leis da natureza matematicamente. As letras, como código do conhecimento, são cada vez mais deixadas de lado. As áreas do conhecimento para as quais as letras são

deslocadas chamam-se *Geisteswissenschaften*, o que é uma ofensa para o espírito. Os campos, para os quais são deslocados e que procuram por conhecimento, chamam-se ciências humanas, o que é uma ofensa para o intelecto, pois significa que são ciências que não podem ser formuladas de forma exata. É como aquela velha piada: um sociólogo é um economista que não sabe matemática. Essa separação entre duro e flexível, entre número e letra, aconteceu por volta do século XV. Ela é de um mal extraordinário, dá ensejo à opinião de que os conhecimentos exatos quantificam, e os inexactos qualificam. Para dizer mais simplesmente: na ciência natural deve-se perguntar “por quê?”, enquanto a pergunta “para quê?” está reservada às ciências da cultura. Quando pergunto: “Por que chove?”, faço uma pergunta de ciência natural. Quando pergunto: “Para que chove?” então estou fazendo, digamos assim, mitologia. Definir a natureza como aquela área em que perguntas teleológicas, perguntas “Para quê?”, não são permitidas, coloca em xeque o problema da antropologia de forma fundamental. A que pertence o ser humano como área de pesquisa? Penso, como tantos outros, que esse questionamento é errado.

Desde o colapso do humanismo, e por isso desde o colapso do iluminismo [conselho da fundação 02], resumidamente, desde Auschwitz e Hiroshima, não temos mais uma imagem de ser humano. Aquilo que na Alemanha se

denomina *Geisteswissenschaften*, e, na América do Norte, *humanities*, não oferece essa noção. Talvez possamos chegar a uma nova imagem de ser humano na área da pesquisa da comunicação humana. Se conseguirmos isso, teremos superado a separação entre áreas do conhecimento exatas e maleáveis. Talvez a comunicação humana não seja, como disse a princípio, uma área na qual as ciências da natureza e da cultura se sobreponham, mas, ao contrário, aquela área de onde essas disciplinas do conhecimento irradiam. Muitos críticos me repreendem por tentar aplicar conhecimentos da ciência natural para problemas culturais. Isso soa tão terrível quanto tecnocrático: querer pensar de forma exata em questões culturais, ou seja, querer desvalorizar a cultura. Querem pensar de forma exata em questões culturais. Isto é, querem desvalorizar a cultura. Creio que esses críticos não têm razão. O que eu (e alguns outros) tento é superar essa separação entre exato e inexato. O que lhes disse soa como um problema metodológico, mas vocês, talvez, tenham percebido em minhas explicações que isso é um problema quente, e não frio.

Teoria da Comunicação

Do que se trata a comunicação humana? Trata-se de armazenar informações adquiridas, processá-las e transmiti-las. O que acabei de dizer soa como nada, mas é colossal. Parece

contradizer um dos princípios da natureza, o da entropia. A entropia, o Segundo Princípio da Termodinâmica, diz que o Universo, visto como um sistema fechado, torna-se cada vez mais probabilístico, que os elementos dos quais o Universo se compõe se espalham cada vez mais uniformemente, e que, portanto, as informações se perdem – e que o tempo acaba quando não existe mais informação. Evidentemente há epíclis nos quais se formam informações, por assim dizer, negativamente entrópicas, mas a tendência básica é a perda das informações.

Acabei de dizer que a comunicação humana objetiva armazenar informações. A cultura é um dispositivo para armazenar informações. Isto é, o ser humano está a princípio empenhado contra a natureza, sem, contudo, revogar o segundo princípio: que o ser humano é a natureza. Ele é uma parte da natureza, funciona dentro dela. Porém, tudo o que chamamos de “ser humano” é antinatural, contraposto à tendência básica da natureza. Eu disse agora há pouco que não se trata de armazenar quaisquer informações, mas informações adquiridas. Isso contraria as Leis de Mendel. As Leis de Mendel dizem que apenas informações genéticas herdadas podem ser legadas. Mas a cultura também é um dispositivo para legar informações adquiridas. Não quero dizer que o ser humano é o único ser que faz isso, mas esse empenho para transmitir informações adquiridas, esse esforço pela

próxima geração – portanto, esse empenho contra a própria morte e contra a morte do próximo –, isso é antibiológico. Na frase aparentemente banal: “A comunicação humana é o armazenamento, processamento e transmissão de informações adquiridas” está oculta uma violenta negação, tanto de um princípio da física, como de um princípio da biologia. A negação permite pelo menos supor uma nova imagem de ser humano. Por isso meu empenho. Talvez a teoria da comunicação seja no futuro a área que na Idade Média foi assumida pela teologia. Talvez seja a área de uma nova crença pós-religiosa. Tentei dizer isso metodologicamente, porque estamos em uma universidade e devemos expressar essas coisas suculentas de uma forma seca. Essa é uma área que vai muito além da competência de uma vida humana e muito além da competência dos pensadores atuais que se ocupam do problema.

O que eu tentarei fazer aqui em Bochum são apenas passos bastante hesitantes e incipientes na direção de uma futura comunicologia. Se esse motivo que acabei de lhes esboçar ficou claro – caso contrário, na realidade eu não teria aceito o convite, por assim dizer, no apagar das luzes, antes de bater as botas –, se está claro para vocês esse empenho de ainda reunir como possível, armazenar, processar e transmitir aquilo que adquiri, enfim, se isso foi compreendido por vocês, poderei, então, dizer o que pretendo.

O fenômeno da comunicação humana

Darei um curso que denominei "O fenômeno da comunicação humana". Nele tentarei desdobrar um pouco esse problema que lhes expliquei brevemente. Considerarei a cultura, perdão, como um aparelho cuja finalidade é armazenar as informações adquiridas em forma de cidades, países, edifícios, bibliotecas etc., e lá processá-las. Neste curso irei combater intensamente a ideia da criatividade e do autor. Tentarei mostrar que nenhuma informação pode ser criada *ex nihilo*, mas que tudo o que fazemos se limita a manipular informações adquiridas. Tentarei mostrar como a chamada criatividade aconteceu em diferentes épocas. E terminarei o curso com a observação da atual, violenta crise. Somos a primeira ou a segunda geração que começa a pressentir uma teoria da criatividade. Talvez sejamos os primeiros que manipulamos informações não mais apenas empiricamente, mas baseados em teorias exatas. Consequentemente, estamos diante de uma explosão da criatividade.

[conselho da fundação 03] Se conseguirmos acabar com a separação entre ciências do espírito e ciências da natureza, se conseguirmos ver em máquinas, na técnica, desempenhos igualmente grandes, criativos, como na música ou na arte ou na política, e se pudermos observar como na área da técnica já explode, atualmente, a criatividade nesse sentido, então temos de nos preparar para uma criatividade

de *team-workshop* sem igual. Isso é o que tentarei explicar aos ouvintes.

Estruturas de comunicação

No segundo curso, que sugeri denominar “Estruturas de Comunicação”, analisarei as chamadas memórias ou suportes de memória, conforme sua estrutura. Isso também soa extraordinariamente “trivial”, mas deve ser dito, pois é de fato algo extraordinariamente palpitante.

Coloquemo-nos no momento da hominização. O que acontece ali? Um macaquinho, digamos assim, *homo erectus robustus*, para dar um nome à coisa, anda pelo mundo e pega deste mundo um troço qualquer, uma pedra, por exemplo, e a transforma em um objeto, em um problema. O fato de ele pegar algo que, para falar como Kant, agrada sem que haja interesse, com que não se pode copular, que não se pode devorar e que não oferece perigo – é algo que nunca antes acontecera. Aquele animal arranca algo do mundo da vida e o transforma em objeto. Ele ainda não lasca a pedra, simplesmente a coloca diante de si. Ele faz de seu mundo da vida um mundo objetivo, e se torna um sujeito do mundo objetivo. Com essa ação – isso certamente já pode ser chamado de ação – surge o abismo do estranhamento, da hominização, onde de um lado está o sujeito último e do outro, o mundo objetivo. Em que consiste essa ação? Consiste no gesto da abstração.

Do mundo da vida quadridimensional em que vivo, que se constitui de fenômenos que dizem respeito a mim, surge algo tridimensional, uma pedra. Eu diria que aquela pedra é um suporte tridimensional de memória. A tridimensionalidade é uma consequência do gesto do compreender. Quando eu compreendo algo, a coisa compreendida é tridimensional.

Transportemo-nos agora para a quase atualidade, digamos, para a Dordonha há trinta mil anos. Na época – e falo de nossa espécie *homo sapiens sapiens* –, o homem esbarra de todos os lados no mundo objetivo. Tenta obter uma visão geral de sua situação. Então dá um passo para trás daquele mundo objetivo, para dentro de sua subjetividade, para poder ter uma visão geral do mundo objetivo, para ter, como se diz, uma imagem do mundo objetivo. Nesse curso analisarei exatamente o que acontece quando me retiro do mundo manifesto, daquilo que se denomina ingenuamente de realidade objetiva. Afinal, não se trata de realidade, mas certamente daquilo que é objetivamente. O mundo ali não é apenas objetivo, mas é fenomenal, pois só aparece. O passo para trás que dei aumenta minha distância, e meus braços não são suficientemente longos para poder agarrar o mundo novamente. O mundo não pode mais ser apanhado com as mãos, mas simplesmente aparece. Falo por exemplo de cineastas, mas por enquanto, digamos, do pintor de pôneis em Lascaux, o que vai dar mais ou menos na mesma.

Se eu tirar essa distância e o mundo se tornar apenas um mundo daquilo que aparece, que, em compensação, pode ser abrangido pelo olhar, então terei dois problemas fundamentais. Um dos problemas é que minha visão é fugidia. O segundo problema é que minha visão é subjetiva. Portanto, de alguma forma, tenho de fixar e intersubjetivar minha visão. Para fixar serve, por exemplo, uma parede rochosa ou uma tira de celuloide. Para fazer uma visão subjetiva tornar-se intersubjetiva, tenho de codificá-la simbolicamente e ordenar os símbolos em um código, para que aquele que acessa essas informações também possa decifrá-las. Com isso, acho que consegui transmitir *in nuce* o problema de construir imagens e daquilo que se denomina imaginação. Mostrarei como conseguimos, há cerca de trinta mil anos, voltar atrás, do compreender ao imaginar, do mundo objetivo a um imaginário, das três dimensões às duas dimensões da superfície. O próximo passo acontece há cerca de 3500 anos.

Todas as mediações têm uma chamada dialética interna. Não quero dizer nenhuma bobagem nobre, mas essa palavra é inevitável. No alemão consegue-se dizer bem isso. Quando alguma coisa representa (*vorstellen*) outra coisa, ela também se apresenta à frente (*sich vorstellen*) da outra. Quando uma imagem representa uma paisagem, ela também veda a paisagem. A imagem fica na frente da paisagem. É dessa dialética – conforme a qual, justamente porque se fez uma imagem, é

impossível alcançar aquilo de que se fez uma imagem – que tratam, como vocês devem saber, a religião judaica e Platão. Os profetas acreditam que fazer imagens levaria à adoração de imagens, à idolatria. Platão quer proibir aos autores de imagens a entrada na república. Resumindo, para quebrar a fascinação da imagem, rasga-se a imagem. Arrancam-se elementos da imagem. Elementos da imagem chamam-se pixels¹, como vocês sabem. Tiram-se os pixels da superfície da imagem e faz-se com eles colares de pérolas. Assim se inventa a escrita linear. A escrita linear é inventada para contar imagens, para explicar, para explicar o mundo.

O próximo passo, ao qual já aludi, parte do texto e volta à dimensão zero, ao cálculo. Os textos também geram o encobrimento daquilo que é visado graças à sua contradição interna. Além da idolatria, há uma textolatria. [conselho da fundação 04] Não apenas a teologia, mas também o marxismo, por exemplo, mostram quão violenta pode ser a textolatria. Para se proteger da textolatria, calcula-se. Eis a última abstração a que se pode chegar, à dimensão zero dos números.

Agora volto a falar da virada atual. Dispomos atualmente de máquinas que não só podem esmiuçar o mundo em pontos – ou seja, calcular –, mas que podem reunir nova-

1 Do inglês *pixel* (abreviação de *picture* e *element*), para elemento de imagem, ponto da imagem.

mente esses pontos esmiuçados, computá-los e projetar tais pontos reunidos de modo a produzir mundos alternativos, imagens. Em outro sentido da palavra, imagens calculadas, imagens que já tenham em si a crítica. Naturalmente, o exemplo típico de tais imagens são as sintéticas, geradas numericamente. Na fotografia e no filme, entretanto, o elemento do cálculo já está. Quem faz o filme ou a fotografia não é o cineasta, mas o fabricante da câmera. Ele calcula os processos mecânicos, químicos e ópticos. E sobre isso será o segundo curso.

Comunicologia como crítica da cultura

Chamarei o terceiro curso de “Comunicologia como crítica da cultura”. Aqui utilizarei um truque. Geometrizaré o painel de controle dos canais. Direi: há círculos. Nesses círculos estão ligadas algumas memórias para trocar, entre si, as informações que armazenam, círculos dialógicos; por exemplo a família, por exemplo, teoricamente, o parlamento. Discutirei as vantagens e desvantagens do painel de controle em círculos e mostrarei como o diálogo corre o risco de cair em ponto morto.

Discutirei os semicírculos, a chamada “estrutura teatral”, em que se rompe o círculo e coloca-se, no meio, uma σκηνή (cena) e um προσκήνιον (proscênio) e com essa divisão ao meio do coro em uma ἀναστροφή (*anastrophé*)

e uma *καταστροφή* (*katastrophé*) e o papel do *κορυφαῖος* (corifeu) e o papel do deus que sai da máquina; resumindo, o teatro como um tipo do semicírculo. Mostrarei como o clima existencial se modifica assim que saio do círculo para o semicírculo.

Acharei então o caminho para a pirâmide a partir do semicírculo, por exemplo, para a estrutura do exército, da igreja ou da administração estatal, onde os diferentes níveis funcionam como relé para as informações. Mostrarei a diferença entre religião e tradição. A religião vai, com efeito, de baixo para cima na hierarquia. Vai até lá em cima, no topo. Até Rômulo, Cristo, o chefe de Estado – ou seja lá o que for. Por outro lado, a tradição desce do topo, vai de Rômulo até o último cliente. Tentarei explicar da melhor maneira possível aos ouvintes essa noção, a noção piramidal do autor e da autoridade, pois tais ouvintes são jovens, e já não têm mais como saber o que são estruturas autoritárias.

Explicarei a chamada estrutura de enfeixamento, por exemplo, como acontece nos jornais, no rádio ou na televisão. Quer dizer, há uma emissora. A emissora envia sua mensagem em feixes para salas, dentro das casas, e quem por acaso estiver flutuando no espaço vazio e apanhar a mensagem se tornará um receptor dessa conexão fascista – no verdadeiro sentido da palavra. Pois *fascēs* significa feixe. Descreverei essa estrutura do feixe, erigida sobre o livro impresso

e a máquina de escrever, como diagnóstico de um importante aspecto de nosso tempo: a tendência de enfeixar toda a cultura e nos conduzir a um totalitarismo uniformizado (*gleichgeschalteter Autoritarismus*) sem igual.

A isso contraporei o diagnóstico oposto da conectividade. Tentarei mostrar que a conectividade já existe, pelo menos, desde a invenção do correio. Ele é uma conectividade em rede na qual cada pessoa é um nó de fios. Nesse nó, informações entram, são processadas e saem. Tentarei mostrar que uma imagem da sociedade em rede, uma *vision en raison*, se é que posso dizer assim, quebra o nó ideológico do eu, a noz ideológica do eu. Tentarei mostrar que, ali onde se produz uma rede, a identidade se perde, porque a identidade e a diferença implicam uma na outra, que a existência (*Dasein*) se torna dialógica, que o “eu” é reconhecido como aquilo a quem se diz “você”. Terminarei esse curso com um prognóstico duplo: ou enfeixamento, ou conectividade em rede.

Antevisão

Instituições como esta à qual fui convidado são lugares onde se pode, talvez, lutar contra o enfeixamento e a favor da conectividade em rede. Fez-se a pergunta: são mil e duzentos alunos. Para que eles vêm aqui, afinal? Do que viverão quando forem embora? A resposta é o aspecto que o mundo de hoje terá em dez ou vinte anos (o que nos é difícil imaginar); que

profissões existirão. Certamente as profissões da comunicação desempenharão um papel muito mais importante do que hoje. Talvez esses jovens estejam aqui para prestar contas da virada que vivemos, da falta de uma imagem humana que temos de superar conjuntamente. Não tenho a menor ideia de como resultará meu curso, pois não tenho ideia de como são os meninos e meninas que virão. Caso seja um bom material humano, se eles me torturarem com perguntas e contra-argumentos, eu terei de mudar minha opinião. Consequentemente não posso prever qual será o resultado. De qualquer forma, todos os que estão aqui estão convidados a participar dessa aventura. Muito obrigado!